

Extensão universitária em ginástica para todos: inferência na formação, atuação e reconhecimento de campo profissional

University extension in gymnastics for all: inference in the professional development and recognition of field work

Michele Viviene Carbinatto

Docente, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP-Brasil
mcarbinatto@usp.br
<https://orcid.org/0000-0001-6598-9938>

Mellina Souza Batista

Docente, Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité-MG-Brasil
melsouza@alumni.usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-8713-5455>

Tamiris Lima Patrício

Universidade de São Paulo, São Paulo-SP-Brasil
tamirislima90@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3867-4302>

Lorena Nabanete dos Reis-Furtado

Docente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE-Brasil
lorenareis@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6593-4646>

Nayana Ribeiro Henrique

Docente, Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM-Brasil
nayanaaribeiro@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4749-0698>

RESUMO: A formação profissional inicial perpassa o ensino e sua interface com propostas na extensão e na pesquisa. Especificamente, refletimos sobre a percepção de acadêmicos graduados e graduandos participantes de cursos de extensão universitária em Ginástica para Todos (GPT) e sua influência na atuação/reconhecimento do campo na Educação Física e Esporte. Foram realizados três grupos focais para a coleta dos dados que contemplaram nove grupos, totalizando 17 entrevistados. Para a análise dos dados, utilizou-se a Análise Narrativa. Os resultados indicaram dois aspectos: as competências para a formação profissional e a ampliação da experiência esportiva. Os discentes confirmaram que a extensão os auxiliou na atuação e deu-lhes subsídios para organizar uma aula de ginástica, além de proporcionar experiências práticas mais positivas do que os estágios curriculares. A ampliação da experiência esportiva se revelou pela participação em eventos, sejam eles de viés esportivo e/ou científico-acadêmico. Os relatos revelaram as ações da extensão como fomentadoras da acessibilidade da GPT, sendo essa influente para aspectos da formação profissional em geral, como trabalhar em grupo, implantar a prática na escola, bem como a experiência esportiva e a participação em eventos.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão Universitária; Ginástica; Educação.



This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA

ABSTRACT: Professional development permeates undergraduate education and its interface with university extension and research is also important. Specifically, this manuscript addresses the perception of academic undergraduate and former students who participated in Gymnastics For All university extension programs and its influence in the performance/recognition in the field of Physical Education and Sport. Three Focus Groups were carried out for data collection, which included nine groups and 17 interviewees. For data analysis, Narrative Analysis was used. The results indicated two aspects: competences for professional development and boarder of sports experience. Students confirm that the program helped them directly in their work, giving subsidies to organize a session, in addition to providing more positive practical experiences than curricular internships. Expanding the sporting experience was revealed in the contact with the participation in sporting events, whether those with a sporting and/or scientific-academic bias. The reports revealed the actions of the extension as a promoter of the accessibility of the GFA, which is influential for aspects of professional education in general, such as working in groups, implementing the practice at school, as well as the sporting experience.

KEYWORDS: Higher Education; Gymnastics; Education.

Introdução

A educação superior no Brasil pode ocorrer em diferentes tipos de instituições, como universidades, centros universitários, faculdades integradas, institutos ou escolas superiores (Pimenta & Anastasiou, 2002). Dentre estas, a universidade se destaca por possuir autonomia didática, administrativa e financeira e ações indissociáveis no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão (Brasil, 1988). Logo, a universidade não é somente o local da veiculação dos conhecimentos produzidos, mas também tem a função de produzir e ampliar o acesso aos conhecimentos à maior parte das pessoas, locais e espaços (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras [FORPROEX], 2012; Santos & Almeida Filho, 2008). Consequentemente, a concepção de educação não se volta apenas à informação e ao desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também à liberdade de reflexão como critério ético consequente ao educar (Silva & Vasconcelos, 2006).

No campo da extensão universitária, medidas assistencialistas passaram a ser criticadas e levaram ao entendimento da extensão como importante articulador da pesquisa e do ensino em prol dos movimentos sociais e emancipatórios. Neste ínterim, as atividades fora da sala de aula e dos laboratórios, formais ou informais, permitiram o imediato diálogo entre teoria e prática, bem como a possibilidade de acessibilidade a novos conhecimentos, não somente àqueles pertinentes ao rol dos campos de atuação específicos do futuro profissional, mas também aos

que levam a conhecer a si próprio, socializar, aprender a lidar com emoções e sentimentos, criar e criticar, dentre outros (FORPROEX, 2012). Logo, atualizou-se o conceito da extensão como aquele que, sob o princípio constitucional da indissociabilidade, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, capaz de promover a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012).

Porém, são reduzidas as produções que demonstram os impactos pedagógicos e sociais das atividades extensionistas nos periódicos brasileiros, em particular aqueles especializados em extensão universitária. As produções têm tido o foco para questões históricas, conceituais e relatos de experiência, apontando lacunas de estudos que analisam os impactos no processo de formação do estudante extensionista (Coelho, 2014).

Na área específica da Educação Física (EF) e Esporte, Batista e colaboradoras (2018) apresentaram estudos nacionais em revistas de EF que se relacionavam com a extensão universitária no período de 2000 a 2017 e notaram como temática mais recorrente a atividade física, especialmente com o público idoso e os esportes. A maior parte das pesquisas foram de cunho qualitativo, utilizaram a pesquisa de campo, e o contexto das universidades públicas foi o mais abordado. Uma parcela destas pesquisas aponta a importância da extensão universitária como espaço de contribuição e para potencializar a indissociabilidade da tríade no sentido de ampliar a formação profissional na área (Batista, et al., 2018).

No mesmo período, Lopes e Carbinatto (2019) buscaram em 11 periódicos de EF e Esporte trabalhos que discutiam a formação profissional e confirmaram que tanto estudos empíricos da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, quanto da extensão na formação universitária, carecem de reflexões. Precisamente nos estudos com a temática da ginástica entre os anos de 1980 a 2020 nos programas de pós-graduação, Oliveira e pesquisadores (2020) notaram 16 trabalhos (dentre os 129) sobre formação profissional, incluindo formação inicial, aprendizagem e desenvolvimento profissional de treinadores e extensão universitária.

Pesquisas que analisam os impactos da extensão são importantes para orientar políticas públicas que promovam e colaborem no aperfeiçoamento teórico e prático destas atividades (Pereira, 2013; Pires da Silva, 2020). Portanto, este artigo versa sobre a percepção de acadêmicos dos cursos de Educação Física e/ou Esporte (Licenciatura e/ou Bacharelado) participantes de ações extensionistas (projetos e/ou programas) em universidades públicas brasileiras. Como recorte, foca-se especificamente na prática da Ginástica para Todos (GPT). Nesse contexto, apontar as

contribuições da extensão universitária pode ser um dos caminhos no sentido de reconhecer este eixo da tríade que, por vezes, não é valorizada em equidade com os demais (Bahu & Carbinatto, 2016).

Friza-se que a Ginástica para Todos é uma prática corporal reconhecida em âmbito federativo (Federação Internacional de Ginástica) e preza pelo ensino e aprendizagem dos fundamentos das ginásticas sob o olhar biomecânico (posições estacionárias como apoio, suspensão) e não estacionária (como as rotações e os saltos) inspirados pelos movimentos identitários das ginásticas artística, rítmica, acrobática, aeróbica, de trampolim e parkour (Toledo et al., 2016). Ela preconiza que as sessões abarquem todos os praticantes, independente do sexo, nível técnico, raça, idade, dentre outros aspectos. Além disso, alerta para que a aptidão física, o desenvolvimento de habilidades sociais e o componente lúdico atravessem as sessões de treino/encontros.

No Brasil, a participação em grupos de GPT também envolve o desenvolvimento de uma composição coreográfica (Carbinatto & Furtado, 2019). Esta composição tem como núcleo de movimento os fundamentos das ginásticas, mas faz interface com aspectos cênicos, rítmicos, folclóricos etc. Teóricos indicam que a centralidade no processo seja do praticante, incentivando-o no processo de criação do caminho coreográfico (Batista et al., 2020; Carbinatto & Ehrenberg, 2020; Paoliello et al., 2014; Patrício & Carbinatto, 2021).

O aluno (neste caso, o acadêmico) participa ativamente no processo de criação, explora sua história corporal, socializa com os demais componentes do grupo, assim como participa na interação do seu corpo com ou sem um aparelho, que pode ser oficial de competição, de treinamento de ginástica, adaptado ou construído, e a música.

Comumente, aspectos da cultura em que o grupo está inserido são explorados no processo criativo, fazendo com que a história social seja evidenciada. O professor deve mediar a composição sem reprimir a criticidade do aluno (Henrique, 2020). Sublinhamos que, pela inexistência de um código de pontuação específico – recorrente nas outras modalidades de ginástica – a GPT incita a espontaneidade e originalidade de movimentos (Rodrigues da Silva et al., 2021). Assim, dada a potencialidade da prática para atender as normativas da extensão universitária, este artigo é um trabalho reflexivo que busca fomentar trabalhos nestas temáticas.

Metodologia

Esta pesquisa utiliza o método qualitativo, pois se pautou na necessidade de um aprofundamento sobre os significados das ações e relações humanas, dados não perceptíveis e não captáveis por meio de equações, médias e estatísticas. Como técnica de coleta de dados, utilizamos o Grupo Focal. Este tem sido utilizado no campo da abordagem qualitativa em diferentes pesquisas científicas, com crescimento expressivo nos últimos tempos (Gatti, 2005; Gondim, 2002; Trad, 2009).

O Grupo Focal é uma técnica de pesquisa que tem como propósito coletar informações a respeito de um tema específico, a partir da conversa e do debate com e entre os sujeitos. O pesquisador agrupa determinado número de pessoas que fazem parte do público-alvo do estudo, num mesmo local e durante certo período (Cruz Neto et al., 2002).

Esta técnica estimula o debate entre os participantes, ou seja, se apresentam como espaços privilegiados de discussão e trocas de experiências, problematizando questões que, se utilizada outra técnica, os debates poderiam ser limitados (Trad, 2009).

Sujeitos da Pesquisa: Os Grupos Focais

Segundo o FORPROEX (2006), as ações extensionistas podem ocorrer como programa, projeto, curso, evento e prestação de serviço. Considerando as características da ação processual e contínua, de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico com prazo determinado, mas com duração de, pelo menos, um semestre, selecionou-se projetos ou programas que ofereciam sessões de ginástica para todos, abertos para acadêmicos de cursos de Licenciatura ou Bacharelado em Educação Física e/ou Esporte.

Para a composição dos grupos focais, dividimos os procedimentos em duas etapas. A primeira constituiu na seleção dos grupos universitários em GPT, balizados pelos seguintes critérios: grupo ginástico devidamente registrado como projeto ou programa de extensão em uma universidade pública e grupo com participação em pelo menos dois Festivais Universitários no Fórum Internacional de Ginástica Para Todos, realizados nas três edições de 2014, 2016, 2018 e/ou ter participado de alguma edição da Gymnaestrada Mundial. Esses eventos foram escolhidos, pois o primeiro é considerado o principal evento de GPT da América Latina e o segundo é o maior festival de GPT organizado pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) (Patrício et al., 2016).

A segunda etapa consistiu em selecionar integrantes para compor os grupos focais, que foram assim delimitados: integrantes dos grupos ginásticos que fossem acadêmicos e/ou graduados em Educação Física (Licenciatura e/ou Bacharelado) – os integrantes poderiam estar ativos ou não durante a realização da pesquisa; integrantes que possuíssem no mínimo um ano de participação no grupo ginástico; dentre estes, integrantes que participaram da elaboração, composição e apresentação de pelo menos uma coreografia; e integrantes que tivessem disponibilidade para participar da pesquisa. De maneira sucinta, o perfil dos grupos focais teve média de idade de 24,5 anos e contou com a participação de 6 homens e 11 mulheres.

Dinâmica dos Grupos Focais

Considerando os devidos cuidados para a realização do grupo focal – em que o número de participantes deveria ser entre 4 e 12 (Cruz Neto et al., 2002), elaborou-se um planejamento minucioso para a realização da coleta.

Foram realizados 3 grupos focais para a coleta dos dados, que contemplaram 9 grupos ginásticos universitários e contaram com a participação de 17 integrantes. O tempo de cada grupo focal foi, respectivamente, 52 minutos, 56 minutos e 30 segundos, e 26 minutos.

Um roteiro foi elaborado para este trabalho, que teve um estudo piloto como indicativo da validade e eficiência dos momentos chaves, a saber: 1) Apresentação e descontração, momento no qual os pesquisadores foram apresentados, o objetivo do encontro explicitado e a criação de um ambiente agradável estabelecido; 2) Questões-chave acerca das experiências dos integrantes no grupo ginástico em que participam; 3) Significado da participação na extensão universitária em GPT; 4) Breves comentários dos participantes, agradecimentos e encerramento da dinâmica. Cabe ressaltar que foi entregue aos participantes um questionário semiestruturado com questões fechadas que abordaram informações sobre perfil pessoal e a participação deles no projeto de extensão.

Técnica da Análise dos Dados: Narrativa

Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica da Análise Narrativa (Clandinin & Connelly, 2015) guiada pelo objetivo da pesquisa em busca de significados do material coletado. Na análise narrativa foi importante a leitura e releitura de todo o material para organizar o que se tinha disponível e, em seguida, transformar os textos de campo em textos de pesquisa. Com os termos analíticos das narrativas

em mente, tematizou-se os textos de campo (Clandinin & Connelly, 2015). As narrativas foram agrupadas com o intuito de dar visibilidade às falas dos integrantes de acordo com as temáticas que emergiram e que foram pertinentes aos propósitos deste estudo. Ao agrupar as falas, percebeu-se que os discursos evidenciaram pontos recorrentes e relevantes que se relacionam entre si.

Inicialmente, 14 temas foram identificados e convergiram para 3 eixos. Neste artigo, será feita a discussão de um deles: o da universidade como espaço para o desenvolvimento da GPT, em que ganharam notoriedade o contato com a GPT, a influência na formação e atuação profissional, a participação em eventos, o intercâmbio cultural e a extensão universitária.

Este trabalho obteve o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, sob o número CAAE 804265174.0000.5391. Portanto, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por todos os participantes. Os grupos receberam homônimos de signos astral e os integrantes nomes fictícios.

Resultados e discussão

A participação dos acadêmicos na extensão em Ginástica para Todos elencou dois aspectos: as competências para a formação profissional e a ampliação da experiência esportiva, explicitadas a seguir.

Na perspectiva da formação profissional, os discentes confirmaram que a extensão os auxiliou na atuação, dando-lhes subsídios para organizar uma aula de ginástica no âmbito escolar:

Se não fosse a GPT, eu não teria segurança para trabalhar a Ginástica na escola. Se eu não tivesse participado do projeto de extensão, se eu não tivesse feito essas ações ali próximas da cidade e na cidade, eu não me sentiria com tanta propriedade para chegar, dar uma aula. E, assim, depois de todo esse processo, com certeza eu sou outra pessoa, como professor, como pessoa, mesmo fora da sala de aula. A GPT, ela vai além de qualquer coisa que seja dar uma aula e ir embora. É fantástico (Fernando).

Essa premissa parece salutar quando estudos diagnosticam lacunas na formação inicial para a atuação na escola. Razeira e colaboradores (2016), ao analisarem a ginástica nos cursos de licenciatura em Educação Física nas Universidades Federais do Rio Grande do Sul, perceberam que, ora as disciplinas com a temática da ginástica revelam aspectos gerais (condicionamento físico, posições corporais),

resumindo a área à exercícios físicos em geral, ora apresentam as ginásticas consideradas “esportivizadas”, sobretudo aquelas do programa olímpico. Este último ponto traz em si o tradicionalismo do modelo de ginástica inserido no nosso país, cujo princípio técnico perpetuou a codificação/regulamentação como balizadores da ação profissional (Corrêa et al., 2020).

Pois bem, se não se discutem aspectos pedagógicos da ginástica para o âmbito escolar, observar estudos que apontam sua não inclusão nos conteúdos naquele ambiente parece compreensível. Neste sentido, as experiências na extensão universitária estudadas se mostraram frutíferas.

Na Universidade há reflexão sobre diversas questões como, por exemplo, a dicotomia entre teoria e prática, e pode-se observar que as atividades extensionistas aqui estudadas minimizaram a distância existente entre o cotidiano profissional e aproximaram o discente do contexto de atuação. Notou-se nos discursos que a extensão proporcionou experiências práticas aos acadêmicos mais positivas que muitos estágios curriculares, pelo fato dos docentes orientarem mais efetivamente as ações (Bahu & Carbinatto, 2016; Martins et al., 2015).

Por vezes, a extensão permitiu rever rotas de carreira profissional ou mesmo expandi-las, como indicado por Fabiana:

Eu falei: “Cara, que caminho eu tomei?”. E foi a partir do momento que eu conheci a ginástica. Então, assim, para mim interferiu muito e influenciou no que eu acabei seguindo também, depois de formada mesmo, né? (Fabiana).

Princípios como autonomia, cooperação, segurança e trabalho em grupo foram evidenciados no fazer Ginástica para Todos no âmbito extensionista. Os valores atitudinais confirmados sobremaneira nos processos de construção coreográfica perpassaram atitudes relacionadas a colaboração, autoavaliação, respeito, criatividade e exposição de habilidades (Carbinatto & Bortoleto, 2016). Para exemplificar, Karina diz que “é porque a gente preza pela autonomia do sujeito”, ao descrever como acontecem os encontros do grupo. Cada integrante tem a oportunidade de propor, organizar e realizar uma oficina em uma área que tenha mais experiência para compartilhar com o grupo. Assim, o conhecimento das práticas corporais é ampliado, estimulando os integrantes a se tornarem o centro do processo de formaativa e coletiva.

Ainda que tenham analisado aulas de ginástica para crianças, o estudo empírico de Milani, Bento-Soares e Schiavon (2022) confirmaram que a co-construção de aulas, no qual o professor é mediador do processo, suscita a afetividade com o

conteúdo (no caso, a ginástica). Apoiadas pelos estudos de Vygotsky, os autores descrevem como, a partir das relações sociais e processos de significação e sentido ao conteúdo, as funções cognitivas são elaboradas e, por sua vez, atingem a esfera afetiva do praticante.

Revela-se que esta característica não se refere à prática por si só, mas às opções metodológicas que têm a centralidade no aluno (Batista et al., 2020; Carbinatto & Ehrenberg, 2020; Corrêa, 2022; Henrique, 2020; Lopes & Carbinatto, 2023), a processos no âmbito dos grupos de GPT universitário e, por tal, a aspectos como a cooperação, liberdade, autonomia, criatividade, entre outros. Isso propicia, aos praticantes de GPT, elementos que contribuem para a formação humana do sujeito (Ayoub, 2007; Murbach et al., 2016), fatores que as autoras acreditam serem transferidos para a prática profissional (Stanquevisch & Martins, 2010).

De certa forma, essas propostas aproximam-se daquelas hegemônicas, envoltas ao tecnicismo e unilateralidade nos conteúdos de ginástica – com sobreposição do conteúdo a atitudes e procedimentos (Corrêa et al., 2020; Razeira et al., 2016). É pela/na GPT que a revisão de estereótipos também pode ser considerada (Oliveira et al., 2021). Ao perceberem a Ginástica para Todos e Todas, independente do nível técnico e gênero, rotulações em relação ao biotipo corporal – forte e flexível, experiências motoras –, um homem manusear aparelhos de ginástica rítmica e raça, por exemplo, são revistos (Oliveira et al., 2021) (Antualpa et al, 2021).

As viagens dos grupos para participação nos eventos revelam importantes aspectos para a formação profissional. Isso porque, ao assistirem as apresentações, aprendem mais sobre outras propostas de trabalho, além dos aspectos inerentes das composições coreográficas, como o uso de materiais diversos, a criatividade, exemplos de tematização, dentre outros aspectos que os discentes assimilam para além da experiência do momento:

A gente tá isolado lá em (Nome do Estado suprimido para garantir anonimato). Só nós de GPT lá. Onde a gente vai ter essa troca, conhecer outros grupos, assistir apresentações como as de ontem? (Tereza).

Outro dado que nos chamou atenção foi o das relações sociais construídas, inclusive com pessoas de outros países:

A gente recebeu um japonês lá. E eu falei: “cara, como que é essa onda da GPT é muito intensa, é muito forte”. A gente faz umas amizades muito bacanas, assim. Isso é o que mais me encanta na GPT (Fabiana).

Destaca-se, portanto, que o processo de formação do acadêmico, para além do seu envolvimento nas ações extensionistas, depende também de questões administrativas para o fomento destas atividades, como a valorização e subsídios para participação em eventos (FORPROEX, 2012).

Por sua vez, ampliar a experiência esportiva se revelou no contato primário da prática da ginástica e na participação em eventos esportivos, sobretudo, naqueles de cunho artístico-coreográfico.

O contato primário na prática da GPT foi informado desde os primeiros momentos na universidade, como na semana de recepção aos calouros (Catarina, grupo Leão), mas se sobressaiu na relação do tripé ensino, pesquisa e extensão. Disciplinas como as de “Fundamentos da Ginástica” e/ou “Ginástica para Todos” e a participação em grupos de estudos são rememoradas como a porta de entrada para uma nova prática corporal:

GPT, eu não sabia nem o que era. Aí eu entrei na universidade e conheci através da disciplina. E aí que eu fui descobrir o mundo da ginástica (Tereza).

Aí eu fui participar do grupo de pesquisa, aí a gente fez o encontro do grupo de pesquisa. A partir dele que surgiu o grupo coreográfico de GPT (Karina).

Alguns integrantes tiveram experiências ainda quando crianças com as práticas gímnicas esportivas, em particular a Ginástica Rítmica (GR) e a Ginástica Artística (GA), modalidades que influenciaram o cenário no qual a GPT se difundiu (Toledo & Schiavon, 2008). No entanto, o contato e o entendimento do que se tratava a GPT ocorreu a posteriori, na Universidade, como declararam integrantes do grupo Touro: “eu sempre fiz ginástica na minha vida, mas só tive contato com a GPT aqui na graduação” (Cíntia); e

Eu fui atleta de GR. Aí teve um campeonato nacional que aconteceu no Regatas 2004, se não me engano em 2005. E eu estava competindo e vi o grupo Touro se apresentando [...]. Mas contato com o grupo e de fato como ele funciona e o que ele representa foi aqui na graduação mesmo (Flávia).

Ainda que estudos indiquem o avanço da prática da ginástica na escola (Oliveira et al., 2021), sendo a Ginástica para Todos a mais indicada por teóricos (Nascimento et al., 2022), lacunas são perceptíveis nos que têm adentrado as Universidades (Corrêa et al., 2020; Razeira et al., 2016).

Interessante lembrar que durante os Jogos Olímpicos do Rio 2016, grupos de GPT do Brasil apresentaram-se nas diversas arenas antes das competições (como o Grupo Ginástico Unicamp/GGU e o Grupo Silvana Gym), bem como a Federação Internacional de Ginástica (FIG) organizou o FIG GALA, com apresentações coreográficas de GPT e demais modalidades com características coreográficas.

O aspecto coreográfico ampliou a participação esportiva para a participação em eventos, quer sejam aqueles com viés unicamente esportivo (como o Festival Gym Brasil, organizado pela Confederação Brasileira de Ginástica), quanto o Fórum Internacional de Ginástica para Todos (evento de cunho esportivo e científico-acadêmico de maior representatividade na área da GPT no Brasil e, podemos dizer, no mundo).

O Fórum Internacional de Ginástica Para Todos permite a capacitação por meio de discussões, a troca de experiências entre estudantes e profissionais e colabora de forma significativa para o desenvolvimento e disseminação da GPT. Além disso, é uma oportunidade para aproximar diferentes setores públicos e privados, como as escolas e universidades (Paoliello et al., 2014).

Esses eventos são potencializadores para que, além da demonstração coreográfica (técnica e artística) da ginástica, se favoreçam as esferas formativas, sociais e institucionais da GPT (Patrício et al., 2016).

Algumas vezes como realizadores e organizadores do evento, noutras como participantes, instigar a participação em eventos ampliou considerações sobre a ginástica, como elencado por Lara e Catarina respectivamente: “depois que eu entrei no grupo, eu participei do Fórum em 2014 e aí eu me encantei de vez porque é muito interessante como que é a GPT” (Lara) e,

Eu participei do Fórum em 2016 e eu acredito que a partir daí só aumentou. E aí desenvolve pesquisa, e aí desenvolve outros tipos de contato, organização de eventos e assim vai (Catarina).

Ao ampliar as experiências, ressignificou-se a prática!

Ressalta-se, também, que os entrevistados não foram unânimes quanto às possibilidades de fomento da ginástica na Universidade. Karina indica que a massificação ocorrerá por meio da divulgação de cada profissional; Murilo, pela produção da pesquisa científica; e Miguel, pela extensão e sua abertura a pessoas da comunidade em geral. O caminho é longo e, apesar da morosidade, parece caminhar para frente (Corrêa et al., 2022; Patrício et al., 2020).

Considerações finais

Este estudo foi realizado com o intuito de apontar as contribuições da extensão universitária em Ginástica para Todos, no que tange a formação profissional em Educação Física e as experiências esportivas.

É fato que a universidade deve primar pela tríplice função ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 1996). Este trabalho limitou-se a refletir apenas um desses pilares: o da extensão universitária. Com a prerrogativa de assegurar e difundir a cultura, a educação e as relações sociais (FORPROEX, 2012), este texto analisou a percepção de graduandos e graduados em Educação Física nas ações de extensão em ginástica para todos (projetos e/ou programas). Os relatos revelaram as ações da extensão como fomentadora da acessibilidade da GPT, de maneira que a GPT se mostra influente para aspectos da formação profissional em geral, como o trabalhar em grupo, implantar a prática na escola, bem como a experiência esportiva como a participação em eventos de cunho esportivo, artístico e acadêmico-científico e compor coreografias. Logo, a universidade parece ter um papel como veículo difusor, que impulsiona o acesso à prática.

Ações da extensão universitária em Ginástica para Todos têm sido destaque nas produções acadêmicas dos pilares universitários e seu enlace com a Ginástica para Todos (Corrêa, 2022; Lopes & Carbinatto, 2023; Menegaldo & Bortoleto, 2022), mas atenta-se para que estudos abordem o tripé e sua indissociabilidade. Como caminhos, aponta-se para o fato de que o Grupo de Pesquisa em Ginástica (GPG) da Faculdade de Educação Física da UNICAMP (FEF-Unicamp) tem sido referência na organização do Fórum Internacional de GPT (já citado anteriormente), bem como do Seminário Internacional de Ginástica Rítmica e Artística de Competição (SIGARC). O Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica (LAPEGI) da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP faz frequentemente os Colóquios Internacionais de Ginástica (CIAPEGI), bem como o grupo CIGNUS (Universidade Estadual de Goiás/UEG) realiza o Congresso Nacional de Ginástica para Todos, e o grupo GYMNUSP da Escola de Educação Física e Esporte da USP os Festivais de mesmo nome (Carbinatto & Ehrenberg, 2020). Essas iniciativas exemplificam a importante relação entre grupos de pesquisa e a organização de eventos, de modo que pode constituir outras fontes de conhecimento sobre a prática e intercâmbio entre estudantes e profissionais.

A realidade é que a formação em Ginástica e a tríade deve caminhar e que

as aulas de ginástica nas Universidades devem permear a valorização da iniciativa e da autonomia, da imaginação e da invenção, a ação em relação ao discurso e a apropriação do saber em relação à sua transmissão (Carbinatto, 2012, p. 229).

REFERÊNCIAS

- Ayoub, E. (2007). Ginástica geral e educação física escolar. Editora Unicamp.
- Antualpa, K. F. et al. (2021). A ginástica para todos e a Bahia que não se vê. Motrivivência, 33 (64), 01-18.
- Bahu, L. Z., & Carbinatto, M. V. (2016). Extensão universitária e Ginástica para Todos: Contribuições à formação profissional. Conexões, 14(3), 46-70.
<https://doi.org/10.20396/conex.v14i3.8648059>
- Batista, M.S.; Lopes, P. & Carbinatto, M.V. (2018). A extensão universitária em Ginástica para Todos: publicações da Revista Conexões. In: Anais do IX Fórum Internacional de Ginástica para Todos, Campinas, SP.
- Batista, M. S., Lopes, P., Patrício, T. L., Henrique, N. R., Furtado, L. N. dos R., & Carbinatto, M. V. (2020). Ginástica para todos: Questões sobre uma experiência de aprendizagem crítica. Corpoconsciência, 24(1), 194-204.
- Brasil. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Senado Federal.
- Brasil. (1996). Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República.
https://www.planalto.gov.br/civil_03/Leis/L9394.htm
- Carbinatto, M. V. (2012). A atuação do docente de ginástica nos cursos de licenciatura em educação física. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.
- Carbinatto, M. V., & Bortoleto, M. A. C. (2016). Ginástica para Todos: Princípios para a prática. In: J. W. P. Silva, L. L. Gonçalves-Silva, & W. W. Moreira (Orgs.). Educação Física e seus diversos olhares (pp. 99-116). UFMS.
- Carbinatto, M. V. & Furtado, L. N. R. (2019). Choreographic process in gymnastics for all. Science of gymnastics journal, 11(3), 343-353.
- Carbinatto, M. V., & Ehrenberg, M. C. (Orgs.). (2020). Festival ginástico e isolamento social: Retratos de um evento on-line. Bagai.
- Clandinin, D.J., & Connelly, F. M. (2015). Pesquisa narrativa: Experiência e história em pesquisa qualitativa. EDUFU.
- Coelho, G. C. (2014). O papel pedagógico da extensão universitária. Revista Em Extensão, 13(2), 11-24.
https://doi.org/10.14393/REE-v13n22014_art01
- Corrêa, L. da S. (2022). “Me apresento pro mundo descortinando a Amazônia”: O entrelaçar da identidade cultural na Ginástica para Todos. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Corrêa, L. da S., Cabo Verde, E. J. S. R., & Carbinatto, M. V. (2022). A ginástica para todos no norte do Brasil: Uma revisão sistemática. Corpoconsciência, 26(2), 16-32.
<https://doi.org/10.51283/rc.v26i2.12750>
- Corrêa, L. da S., Silva, C., & Verde, E. (2020). Ginástica na Universidade: Atuação de professores na pesquisa, ensino e extensão no Amazonas. Research, Society and Development, 9(12), e2891210615.
<https://doi.org/10.33448/rsd-v9i12.10615>
- Cruz Neto, O., Moreira, M. R., & Sucena, L. F. M. (2002). Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: O debate orientado como técnica de investigação. In: Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira

de Estudos Popacionais.

Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. (2006). Comissão Permanente de Avaliação da Extensão Universitária. Institucionalização da extensão nas universidades públicas brasileiras: estudo comparativo 1993/2004. João Pessoa; Brasília: Editora Universidade Federal da Paraíba; MEC/SESU.

Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. (2012). Política Nacional de Extensão Universitária.

http://www.proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document//Politica_Nacional_de_Extensao_Universitaria_FORPROEX_-2012.pdf

Gatti, B. A. (2005). Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Líber Livro.

Gondim, S. M. G. (2002). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 12, 149-161.

<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004>

Henrique, N. R. (2020). Aula centrada no aluno e aula centrada no professor: Experiência na ginástica para todos. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.

<https://doi.org/10.11606/D.39.2020.tde-14052021-203514>

Lopes, P., & Carbinatto, M. V. (2019). Educação Física e docência universitária: Estado da arte das publicações em periódicos brasileiros. *Revista Docência do Ensino Superior*, 9, 1-18.

<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2019.2594>

Lopes, P., & Carbinatto, M. V. (2023). Princípios da pedagogia freiriana na extensão universitária em Ginástica para Todos. *Revista Brasileira de Educação*, 28, e280008.

<https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280008>

Martins, S. N., Eckhardt, V. M. T., Valandro, N. de A., & Costa, J. da. (2015). A contribuição da extensão na formação de universitários: Um estudo de caso. *Revista NUPEM*, 7(12).

<https://doi.org/10.33871/nupem.v7i12.260>

Menegaldo, F., & Bortoleto, M. A. C. (2022). Uma nova razão de mundo: Ensaio sobre as potencialidades da ginástica para todos frente à racionalidade neoliberal. *Revista Didática Sistêmica*, 24(1), 130-142.

<https://doi.org/10.14295/rds.v24i1.13903>

Milani, C. S., Bento-Soares, D., & Schiavon, L. M. (2022). “Olha o que eu aprendi na ginástica”: Impactos de aulas em crianças pequenas na perspectiva de familiares. *Journal of Physical Education*, 32, e3245.

<https://doi.org/10.4025/JPHYS EDUC.V32I1.3245>

Murbach, M. A., Afonso, P. R. de, Lima, L. B. de Q., & Schiavon, L. M. (2016). Grupo Ginástico UNESP: Contribuições da “Ginástica para Todos” na formação de seus participantes. *Conexões*, 14(3), 71-88.

<https://doi.org/10.20396/conex.v14i3.8648024>

Nascimento, J. P. O. do, Lima, C. L. S. de, Corrêa, L. da S., Santos, J. O. L. dos, & Verde, E. J. S. R. C. (2022). The perception of students in the early years of elementary school of a public school about gymnastics for all (GFA). *Research, Society and Development*, 11(9), e33011931687.

<https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31687>

Oliveira, D. da S., Oliveira, L. M. de, Cardoso, T. R., & Iwamoto, T. C. (2021). Corpo e gênero nas práticas inclusivas de Ginástica Para Todos na Educação Física Escolar. *Educación Física y Ciencia*, 23(2).

<https://efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/download/efyce180/14262?inline=1>

Oliveira, L. M. de, Barbosa-Rinaldi, I. P., & Pizani, J. (2020). Produção de conhecimento sobre ginásti-

ca na escola: Uma análise de artigos, teses e dissertações. *Movimento*, 26, e26017–e26017.
<https://doi.org/10.22456/1982-8918.95122>

Paoliello, E., Toledo, E. de, Bortoleto, M. A. C., & Graner, L. (2014). *Grupo Ginástico Unicamp 25 anos*. Editora Unicamp.

Patrício, T. L., Bortoleto, M. A. C., & Carbinatto, M. V. (2016). Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: Reflexões gerais. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(1), 199–216.
<https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100199>

Patrício, T. L., Bortoleto, M. A. C., & Toledo, E. de. (2020). Institucionalização da ginástica para todos no Brasil: Três décadas de desafios e conquistas (1988–2018). *Pensar a Prática*, 23.
<https://doi.org/10.5216/rpp.v23.61240>

Patrício, T. L., & Carbinatto, M. V. (2021). Merleau-Ponty e ginástica para todos: Repensando paradigmas na educação física/esporte. *Conexões*, 19(00), e021025.
<https://doi.org/10.20396/conex.v19i1.8661275>

Pereira, L. B. (2013). Extensão universitária e políticas públicas. *Revista Extensão & Cidadania*, 1(2).
<https://doi.org/10.22481/recuesb.v1i2.2203>

Pimenta, S. G., & Anastasiou, L. das G. C. (2002). Docência no ensino superior. Cortez.

Pires da Silva, W. (2020). Extensão universitária: Um conceito em construção. *Revista Extensão & Sociedade*, 11(2).
<https://doi.org/10.21680/2178-6054.2020v11n2ID22491>

Razeira, M. B., Pereira, F. M., Machado, C. R. C., Ribeiro, J. A. B., & Afonso, M. da R. (2016). A Ginástica nos Cursos de Licenciaturas em Educação Física nas universidades federais do Rio Grande do Sul. *Journal of Physical Education*, 27(1).

Rodrigues da Silva, H. M., Raffi Menegaldo, F., Almeida Pereira, L., & Bortoleto, M. A. C. (2021). O processo de esportivização das práticas ginásticas: Particularidades da ginástica para todos. *Acción-motriz*, 26, 52–63.

Santos, B. de S., & Almeida Filho, N. de. (2008). *A Universidade no século XXI: para uma Universidade nova*. Almedina.

Silva, M. D. S., & Vasconcelos, S. D. (2006). Extensão Universitária e Formação Profissional: Avaliação da experiência das Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco. *Estudos em Avaliação Educacional*, 17(33), 119–136.
<https://doi.org/10.18222/eae173320062130>

Stanquevisch, P., & Martins, M. T. B. (2010). Ginástica Geral: Uma reflexão sobre formação e capacitação profissional. In: R. Gaio, A. A. Góis, & J. C. F. B. Batista (Orgs.). *A Ginástica em questão: Corpo e movimento* (pp. 453–464). Tecmedd.

Toledo, E. de, & Schiavon, L. M. (2008). Ginástica Geral: Diversidade e identidade. Em E. Paoliello (Org.), *Ginástica Geral: Experiências e reflexões* (p. 217–238). Phorte.

Toledo, E. de, Tsukamoto, M. H. C., & Carbinatto, M. V. (2016). Fundamentos da Ginástica para Todos. In: *Fundamentos das Ginásticas*. Fontoura.

Trad, L. A. B. (2009). Grupos focais: Conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 777–796.
<https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>

◆ VOL. 13, 2025, ISSN:2318-2326. PUBLICAÇÃO CONTÍNUA.

Todos os textos publicados na Interfaces - Revista de Extensão da UFMG são regidos por licença Creative Commons CC By.

A Interfaces convida pesquisadoras e pesquisadores envolvidos em pesquisas, projetos e ações extensionistas a submeterem artigos e relatos de experiência para os próximos números.

Os textos deverão ser enviados através do nosso endereço na web. No site estão disponíveis as normas para publicação e outras informações sobre o projeto. Vale ressaltar que os autores poderão acompanhar todo o processo de submissão do material enviado através desse site e que o recebimento de submissões possui fluxo contínuo.

www.ufmg.br/revistainterfaces
Contato: revistainterfaces@proex.ufmg.br



PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO

U F M G